



GT 028. Conflitos, Práticas Estatais e Mobilização Social no Brasil contemporâneo

Manuela Souza Siqueira Cordeiro (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA) - Coordenador/a, Katiane Silva (Universidade Federal do Pará) - Coordenador/a, Paula Mendes Lacerda (UERJ) - Debatedor/a, Marta de Oliveira Antunes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) - Debatedor/a, Rhuan Carlos dos Santos Lopes (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) - Debatedor/a

O GT tem como proposta reunir trabalhos que tematizem processos e dinâmicas em torno de conflitos sociais. Compreendemos o conflito como um momento que pode desencadear mobilizações sociais, caracterizadas pelo estabelecimento e negociação de poder entre coletivos políticos ou entre estes e o Estado. Além dessa dimensão que, por sua vez, se desdobra em categorias que pretendem descrever formas específicas de violência como a “violência estatal”, a “violência contra a mulher”, o “genocídio”, os “massacres” e “conflitos no campo”, buscaremos contemplar também o conflito em sua dimensão processual ou genealógica, atentando para os mecanismos por meio dos quais as diferenças e desigualdades se fundam e perpetuam. Pretendemos também abarcar trabalhos que estejam discutindo ações de coletivos políticos que se constituem ou se reorganizam frente a situações consideradas injustas, desiguais ou violentas, de maneira a perceber como estes vislumbram a possibilidade ou a expectativa de reparação pelas violações sofridas. Trata-se, portanto, de um GT que espera se compor a partir de uma diversidade de situações etnográficas que tenham como proposta discutir mobilizações sociais nas cidades, no campo, em comunidades indígenas.

Me avisa quando você chegar? Insegurança, Violência e Mobilizações em um campus universitário.

Autoria: Iris de Macedo Rosa, Nalayne Mendonça Pinto

A pesquisa em andamento é um estudo sobre situações de conflitos e violências ocorridas nos últimos 5 anos no campus da UFRRJ. O objetivo é compreender as diferentes situações entendidas como conflituosas e violentas pela comunidade acadêmica e analisar as formas de organização de coletivos e mobilizações pelas redes sociais que procuram encaminhamento e soluções para as ocorrências de violências. Especificamente para esta apresentação serão analisadas algumas situações de violência contra mulher e as mobilizações sociais que foram produzidas através da articulação de alunas e coletivos feministas. Esta pesquisa entende a complexidade da violência enquanto objeto sócio antropológico, por ser este um fenômeno empírico que é sentido, representado e percebido a partir da interação social. Assim, a violência enquanto objeto de estudo possui caráter subjetivo que impacta a vida em sociedade uma vez que as representações sociais acerca da violência geram condutas. Transportada para o universo feminino, a subjetividade da violência ganha um caráter ainda mais particular, isto por que a violência contra a mulher é vivida, na maioria das vezes, individualmente. Nos últimos anos as denúncias de assédio moral e sexual, estupro e tentativa de estupro no interior e arredor do campus vieram à tona. As denúncias inicialmente estavam em grupos e páginas do Facebook, passaram às páginas de jornal e aos poucos caminham para os registros policiais. A atmosfera em transformação em torno de práticas antes silenciadas, fez com que os setores da comunidade acadêmica se posicionassem em torno do tema. Nesse sentido, serão apontadas algumas ocorrências mais emblemáticas que aconteceram e a repercussão social que produziram. Entre as iniciativas mais significativas está a página, criada por uma aluna, ?Abusos Cotidianos? que ?surgiu com a necessidade de criação de um ambiente seguro e acolhedor para dar voz às vítima@s de abusos cotidianos dentro da UFRRJ?. A página é um lugar de desabafo e acolhimento onde vítimas escrevem a fim de encontrar o apoio e dar visibilidade às



denúncias. A mais recente mobilização deu-se através do movimento feminista ?Me avisa quando chegar UFRRJ?. O movimento surgiu em 2016 após uma aluna ser estuprada durante uma festa que ocorreu dentro do campus e inicialmente contou com 2.700 ?ruralinas? em suas atividades. O nome veio do hábito cotidiano das alunas de pedirem umas as outras que deem notícias quando chegarem aos seus destinos por receio de que algo aconteça no caminho. Dessa forma, esse work busca entender o histórico dos conflitos na UFRRJ, como ele incide nas interações sociais entre os membros da comunidade acadêmica e ainda a atuação dos atores que estão envolvidos nos seus processos de administração e contestação.

[Trabalho completo](#)



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

